

Leituras para todos os gostos

Caro leitor, nesta publicação, em vésperas de mais uma época festiva e de um Novo Ano, abordamos temas diversos, mas muito relevantes, para a compreensão da realidade económica portuguesa nos seus diversos ângulos. Numa perspetiva de longo prazo, poderíamos dizer que Portugal está menos desigual no que respeita à distribuição de rendimentos, e o risco de pobreza é menor, sendo que as transferências sociais desempenham uma função importante nesta tendência; as empresas estão mais robustas, menos endividadas e são mais rentáveis; por outro lado num contexto político que irá mudar a partir do próximo mês de janeiro, constatamos que Portugal tem vindo a reforçar as ligações económicas com os EUA, estando de alguma forma, mais vulnerável perante as alterações de política que se perspetivam. Finalmente, um olhar sobre o segmento do imobiliário, onde quantificamos a situação de falta de oferta, que de facto é uma das características do mercado e em simultâneo, é o fator que impede ou dificulta que um ajuste rápido nos preços possa ocorrer inesperadamente.

Para o primeiro tema, convidamos os leitores à análise do Dossier deste mês que versa sobre a questão da desigualdade de distribuição de rendimentos, iniciando por uma abordagem aos principais conceitos. De que rendimentos se fala, como se mede a desigualdade, que tipo de políticas públicas se podem implementar e que alavancas se podem utilizar para reduzir as desigualdades de rendimento, em função do momento da intervenção pública e do segmento de rendimento visado. Num segundo texto abordam-se a evolução da desigualdade de distribuição de rendimentos a nível mundial e detalha-se como efetivamente esta reduziu significativamente desde 1990, contrariamente a algumas perceções. Finalmente, num terceiro artigo analisamos com mais detalhe a situação de Portugal. Constatamos que somos um dos países mais desiguais na União Europeia embora no indicador de risco de pobreza nos encontremos melhor posicionados. Também verificamos que, tal como noutros países, a desigualdade de distribuição de rendimentos aumentou desde os anos da pandemia.

Nos temas de análise, específicos sobre Portugal, observamos como têm evoluído as relações económicas com os EUA, não só ao nível das trocas comerciais, mas também do investimento direto, turismo e aquisição de imobiliário. Consta-se que estas relações têm vindo a estreitar ao longo dos últimos anos, sendo os EUA, por exemplo, o 4º maior mercado emissor de turismo e representando 7% das exportações de bens. Este será um tema importante em 2025 e seguintes dado a intensificação das políticas protecionistas dos EUA em perspetiva.

Um segundo texto incide sobre o mercado de habitação residencial em Portugal e coloca números no tema da falta de oferta. Efetivamente, a atividade de construção de habitação residencial nova reduziu bastante ao longo das últimas décadas. Por exemplo, em 2003 construíram-se mais de 90 mil fogos e em 2023 apenas 23 mil; em 2003, estas representavam cerca de 70% das casas transacionadas e recentemente apenas 17%. Neste artigo analisamos o *gap* de oferta em termos regionais e verificamos que as novas licenças têm de facto vindo a aumentar, mas a um ritmo bastante moderado. Dado que o stock de imóveis por habitante é hoje superior ao passado, visto que não há suficientes casas em segunda mão no mercado e não se perspetiva que o problema de falta de oferta seja solucionado apenas por nova construção, tal significa que as soluções terão de ser diversas passando por exemplo, pela aceleração da reabilitação urbana, por medidas legislativas/fiscais sobre o arrendamento, quer com intervenção dos municípios, quer também com o recurso às cooperativas de habitação. Terminamos lembrando que além do impacto ao nível da contenção da dinâmica dos preços, estas medidas seriam importantes dado que o país apresenta métricas piores do que a média da UE ao nível da despesa do estado em desenvolvimento de habitações e da percentagem da população que vive em alojamentos em más condições.

Finalmente, no último tema de análise sobre a economia portuguesa, a propósito da divulgação das contas de 2023, debruçamo-nos sob a saúde financeira das empresas e a sua tendência na última década. E constatamos que as empresas estão mais robustas, com balanços mais saudáveis, menos endividadas e com maior rentabilidade. O que é uma ótima notícia do ponto de vista, por exemplo, da capacidade de investimento ou na perspetiva da criação de emprego futura. Empresas mais sólidas são uma parte essencial de uma economia robusta, importante face aos riscos que se avizinham no horizonte.

Em suma, leitura diversificada, ótima para o período de alguma calma que se avizinha. Resta-nos desejar Festas Felizes a todos os nossos leitores, em nome da equipa do BPI Research.

Paula Gonçalves Carvalho

Dezembro 2024